

Protagonistas de la educación superior pública en diseño en Brasil: profesores de la Universidad Estatal de Minas Gerais (UEMG) y de la Universidad Federal de Amazonas (UFAM)

Larissa Albuquerque de Alencar^(*)
y Marcelina das Graças de Almeida^(**)

Resumo: A desigualdade de gênero, amplamente discutida em diversas áreas de conhecimento, é um problema relativamente recente no que tange a área acadêmica do design brasileiro, uma vez que se percebe pouca movimentação das mulheres em períodos anteriores à primeira metade do século XX. O presente artigo objetiva contribuir para o rompimento da propagação de padrões de ocultamento da atividade feminina no design a partir do registro das protagonistas em atividade no ensino superior público de design no Brasil, por meio do mapeamento e análise de sua atuação docente nos cursos de design da UEMG e UFAM. Trata de uma pesquisa teórica, qualitativa-quantitativa, que aborda gênero, educação e a atuação de mulheres designers no país.

Palavras-chave: protagonistas – gênero – educação – designbrasileiro – docentes – ensino

[Resumos em inglês e espanhol na página 96]

^(*) Doutora em Design pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) com bolsa concedida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) por meio do edital nº 001/2019 – PROPG-CAPES/FAPEAM, Mestre em Ciências Florestais e Ambientais pela Universidade Federal do Amazonas e Bacharel em Desenho Industrial pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Atua como Professora Adjunta no curso de Graduação em Design e no Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Desenvolve pesquisas relativas à design de produto em geral e gênero no design.

^(**) Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em parceria com a Universidade Portucalense Infante Dom Henrique, Porto, Portugal, por meio de bolsa sanduíche concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Mestre e Graduada em História também pela UFMG. Docente nos cursos de graduação e pós-graduação da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) Coordena o Arquivo de Som e Imagem do Centro de Estudos em Design da Imagem da Escola de Design da UEMG. Desenvolve pesquisas relativas à educação patrimonial, morte e culto aos mortos e história e memória do design.

Introdução

Este artigo apresenta um recorte da tese de doutorado intitulada “Protagonismo feminino no ensino superior público de design no Brasil: as docentes da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e Universidade Federal do Amazonas (UFAM), e tem como intuito principal divulgar dados coletados com o objetivo de enfatizar a presença de mulheres que atuam na área de docência superior no campo do design brasileiro, sobretudo nas instituições selecionadas.

A inquietação inicial por este tema deu-se a partir do momento que, durante a leitura de livros e demais publicações que tratam da história do design, pouco ou nada se percebe sobre as mulheres que atuaram nesta área, sobretudo no Brasil. Percebeu-se ainda que, a única forma de se obter dados sobre designers brasileiras, especialmente as docentes, é por meio da Plataforma Lattes, na qual para pesquisar, é necessário que se tenha conhecimento prévio do nome completo da pesquisadora que se busca, além do fato de que a profissional precisa ter registrado seu currículo na plataforma.

Essas omissões ou “esquecimentos” ocorrem porque, segundo Cardoso (2008, p. 17) a “ação de escrever a história envolve necessariamente um processo de seleção de fatos e de avaliação da sua importância e [...] cabe ao historiador a tarefa altamente delicada de interpretá-los e construir sua versão”. Desse modo, é impossível se conhecer toda uma realidade a partir da segmentação de pontos de vista e formas de abordagens particulares. Essa problemática da exclusão feminina das narrativas históricas do design também pode ser atribuída ao conceito de design assumido pelos historiadores, que era tido como atividade industrial e priorizava processos de produção em massa em detrimento de domésticos e artesanais – categoria que incluía as mulheres devido as formas de produção das quais dispunham.

Dessa forma, torna-se “necessário ficar atento às formas de integração entre os fazeres industriais e não industriais dos quais as mulheres eram agentes fundamentais e mais representativos, contribuindo para ‘descolar’ o design do exclusivamente industrial” (Safar e Dias, 2016, p. 114).

Logo, ao perceber que existe uma contribuição feminina no desenvolvimento do cenário nacional do design, ainda que oculta, e com a certeza de que o principal obstáculo para o registro dessa trajetória é justamente a carência de fontes primárias de dados, o que dificulta “ir a períodos anteriores à metade do século XX” (Safar e Dias, 2016, p. 108), bem como os métodos de registro utilizados e o conceito de design propriamente dito, torna-se imprescindível que se desenvolvam mais pesquisas que elevem a mulher à condição de sujeito da sua história, em especial no que tange à área de ensino de design no Brasil, assunto melhor discutido no item seguinte.

Gênero e a história da educação feminina

É visível que as discussões sobre gênero na sociedade enfatizem uma dicotomia baseada em uma divisão biológica entre homens e mulheres, embora se saiba que “não existe

nenhum destino biológico, psíquico ou econômico” (Beauvoir, 1980, p. 9), que defina a forma que os indivíduos de ambos os sexos devam se comportar, pois cada pessoa é um sujeito único e possui as suas particularidades e limitações.

Esses comportamentos podem ser aprendidos a partir da intervenção de outra pessoa na vida de um indivíduo, como quando um bebê é vestido de azul ou rosa ao nascer, de acordo com seu sexo biológico, parafraseando a ministra dos Direitos Humanos, Família e Mulher do Brasil, Damares Alves, ou quando os pais repreendem uma menina ou um menino por comportamento considerado inadequado.

Esses comportamentos ou estereótipos de gênero associados ao sexo biológico limitam a aprendizagem ou possibilidades de experiências dos indivíduos, de modo que sejam produzidas “posições de desigualdades entre pessoas, coisas, espaços ou emoções” (Lins, Machado e Escoura, 2016, p. 24).

Esse fato também pode ser percebido na desvalorização salarial, repressões, discriminações e violências sofridas, como se verifica no caso das mulheres, especialmente as negras, indígenas e da comunidade LGBTQIAP+ em geral, que sempre estiveram à margem da sociedade. Ao regredirmos alguns anos na história das mulheres, sobretudo na educação, percebe-se que, até meados, do século XVIII, elas eram impedidas de receber educação formal, uma vez que eram constantemente preparadas para serem boas mães e esposas, sendo confinadas a esfera privada, pois não deveriam ser vistas desacompanhadas nas ruas e trabalhar era considerado uma fatalidade, exceto no caso de mulheres e meninas de classes sociais mais baixas, que trabalhavam desde muito cedo.

Sua educação permanecia sem mudanças e cercada de proibições e limitações até o advento das Reformas Pombalinas (1750-1777), quando o campo da educação foi aberto para as mulheres que agora poderiam frequentar as salas de aula, ainda que separadas dos homens, o que fez com que pudessem atuar na docência.

Entretanto, a mudança real começaria apenas com a outorga da primeira Constituição Brasileira de 1824, que previa a instrução primária e gratuita para todos os cidadãos, exceto negros e indígenas.

Deste ponto em diante, várias outras mudanças foram notadas, não apenas na esfera da educação, como sua admissão nas Escolas Normais a partir do final do século XIX (Antunes, 1993) e o seu acesso ao nível superior no ano 1879 (Rosemberg, 2012), o direito ao voto em 1934 para mulheres alfabetizadas e acima de 21 anos (Del Priore, 2014) e sua autonomia para o ingresso no mercado de trabalho a partir de 1943, fatos estes que permitiram que as mulheres se tornassem cada vez mais especializadas, talvez com o intuito de compensar sua diferenciação salarial, como uma alternativa ao casamento ou ao ingresso em profissões de menor prestígio (Almeida, 1998).

Todas as questões apontadas despertaram interesse acadêmico pela questão das mulheres, que também se compreende no cerne das pesquisas sobre gênero ou “estudos de gênero”, de modo que muito se questiona sobre as mulheres na história e quem são as protagonistas e/ou as pioneiras nas mais diversas áreas de estudo.

Ao analisar o caso do design, percebe-se que estas dúvidas também são comuns, pois estes estudos ainda se encontram em fase embrionária ou prematura, uma vez que a história do design é uma área relativamente recente, seus primeiros ensaios datam de 1920, só começou a atingir a maturidade acadêmica nos últimos vinte anos (Cardoso, 2008).

Então, é perceptível a necessidade de se discutir sobre gênero e design, especialmente, a questão feminina, pois é importante registrar sua “participação [...] no campo profissional e acadêmico do design” (Safar e Dias, 2016, p. 106), uma vez que suas contribuições estão ocultas em diversas camadas de história não relatadas, não apenas por serem mulheres, mas aos interesses dos relatores e aos métodos historiográficos utilizados e a associação errônea do design com o industrial, o que contribuiu para que o design desenvolvido por mulheres fosse enquadrado na categoria de arte ou artesanato.

Se no campo profissional a invisibilidade feminina pôde ser algumas vezes rompidada pela visibilidade de seus projetos, no campo acadêmico pouco se percebe da movimentação das mulheres antes da década de 60 e principalmente nos países ditos como periféricos. [...] Há que se registrar sua contribuição ou ao menos participação nessa história ainda não construída (Safar e Dias, 2016, p.109).

Barbosa (2010, p. 1980) corrobora com esta informação ao afirmar que “ainda não houve uma revisão da produção artística feminina no passado brasileiro”, sobretudo na área acadêmica do design, de modo que as mulheres possam ser localizadas como protagonistas da sua história. Vale lembrar que, devido ao conceito do design ser associado apenas ao industrial em seus primeiros anos, boa parte da produção feminina foi considerada arte, sendo excluída dos registros da história do design.

Essa ausência de reconhecimento também fez parte da história de outros países, como no caso da Bauhaus, onde as mestras eram conhecidas como esposas dos mestres ou tiveram seus trabalhos reconhecidos apenas após seu falecimento.

Essas omissões contribuíram para o desenvolvimento de importantes trabalhos de registro das personalidades femininas no design (Safar e Almeida, 2014, pp. 82-83), dentre os quais citam-se *Woman's touch – women in design from 1860 to the present day*, de Isabelle Ascomb (1984); *Women in design*, de Liz McQuiston (1988); *Women of design*, de Bryony Gomez-Palacio e Armin Vit (2008) e o clássico *Bauhaus Women: art, handcraft, design*, de Ulrike Müller (2009).

Além destes trabalhos, tem-se *¿El sexo determina la historia? Las diseñadoras de producto. Un estado de lacuestión*, de Isabel Campi (2010), *Encontrar las respuestas propias. El papel de la mujer en la HfG Ulm*, de Sánchez Moya e Roldán (2016), *Frauenan der HfG Ulm*, de Gerda Müller-Krauspe e Ursula Wenzel (2003) e *Bauhaus women: a global perspective*, de Elizabeth Otto e Patrick Rössler (2019).

A existência destas publicações em outros países leva a crer na importância de se conhecer a história em suas mais diversas nuances e por meio dos diversos protagonistas que existiram, sobretudo no Brasil, pois, a consequência da história única é que “ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum. Enfatiza como somos diferentes, e não como somos parecidos” (Adichie, 2019, pp. 27-28). Essa história única, repleta de estereótipos incompletos, contribuiu para que as mulheres tivessem a sua contribuição preterida e ocultada em vários aspectos da história, inclusive no design.

Além dos argumentos apresentados sabe-se que por muito tempo as mulheres foram confinadas à esfera privada e que deixaram “poucos vestígios diretos, escritos ou materiais” (Perrot, 2007, p. 17), pois seu acesso à escrita foi tardio e suas produções domésticas eram rapidamente consumidas ou dispersas, sendo ainda responsáveis pelo apagamento de seus rastros, seja por questão de honra ou por julgá-los sem interesse.

Assim, o item seguinte busca levantar a quantidade de publicações que tratam sobre as mulheres no design brasileiro, com intuito de mapear a existência ou não de publicações que tratem sobre esta temática no ensino.

Publicações sobre mulheres no design brasileiro

Com o intuito de compreender o andamento atual das pesquisas sobre a temática feminina no design brasileiro, especialmente no âmbito acadêmico, uma vez que, de acordo com Barbosa e Amaral (2019, p.14), percebe-se que “também no âmbito cultural, a ausência de textos, pesquisa, estudos sobre a participação da mulher na sociedade continua a obliterar sua importância intelectual”, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre os temas Mulheres designers no Brasil, Mulheres designers em Minas Gerais (MG) e Mulheres designers no Amazonas (AM), Professoras de design em Minas Gerais (MG) e no Amazonas (AM), de modo que foram encontrados os seguintes números (Tabela 1).

Tema	Tipo	Quantidade
Mulheres designers no Brasil	Livro	3
	Dissertação	1
	TCC	1
	Artigo	4
	Site	6
Mulheres designers em MG	Livro	1
	Artigo	-
	Site	1
Mulheres designers no AM	Artigo	1
	Livro	-
	Site	1
Professoras de design no Brasil	-	-
Professoras de design em MG	-	-
Professoras de design no AM	-	-
TOTAL		19

Tabela 1. Publicações com temas pertinentes à pesquisa (Autoria própria, 2022).

Do total das 19 publicações mapeadas, 15 abordam sobre as Mulheres designers no Brasil, 2 sobre Mulheres designers em MG e 2 sobre Mulheres designers no AM, embora, em alguns casos, de maneira indireta. Ao buscar pela área acadêmica, introduzindo os termos Professoras de design no Brasil, MG e AM, não foram retornados resultados satisfatórios. Para a primeira temática, *Mulheres designers no Brasil*, destacam-se os livros “Mulheres não devem ficar em silêncio: arte, design e educação” de Ana Mae Barbosa e Vitória Amaral (2019); “Design no Brasil: origens e instalação” de Lucy Niemeyer (2007).

Os artigos e “Uma questão de política cultural: mulheres artistas, artesãs, designers e arte/educadoras” de Ana Mae Barbosa (2010), “As mulheres e o design no Brasil” assinado por Auresnede Pires Stephan (2015), “Protagonismo Feminino no Prêmio Design Museu da Casa Brasileira: análise dos anos 2017 e 2019” de autoria de Raquel Bosso Romano (2020) e “Protagonismo feminino no ensino superior público de design no Brasil: um estudo em construção” de Larissa Albuquerque de Alencar (2020).

O Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Designer Gráfica: uma investigação acerca da participação de mulheres na história do design gráfico brasileiro” de autoria de Juliana Argolo LordêloBury e Luize Lemos de Araújo (2017) e a dissertação de mestrado intitulada “Mulheres no design gráfico: o passado e o presente – uma análise comparada entre Brasil e Portugal” de autoria de Alice Dornelles Hetzel (2017).

Para o segundo tema, *Mulheres designers em MG*, destaca-se o artigo “O curso de Desenho Industrial da FUMA: da criação aos primeiros egressos”, de Ana Luiza Cerqueira Freitas (2017).

Para o tema *Mulheres designers no AM*, destaca-se o livro “Design UFAM: 25 anos” de autoria de Patrícia dos Anjos Braga, Claudete Barbosa Ruschival e Sheila Cordeiro Mota (2014).

Sobre os temas 4, 5, 6, *Professoras de design no Brasil, MG e AM*, contudo, não foram encontradas publicações ou sites com informações relevantes, sendo apresentados apenas sites institucionais e/ou sites com informações sobre designers brasileiros em geral.

Ao analisar de maneira geral, nota-se que, para os temas Mulheres designers em MG e AM não foram encontradas publicações que tratassem de maneira direta e exclusiva sobre o tema, uma vez que ambos os livros e sites encontrados, tratavam apenas de apresentar alguns nomes de mulheres sem maiores detalhes sobre sua trajetória.

Desse modo, percebeu-se que, embora tenham sido encontradas 19 publicações que, de alguma forma, tratavam sobre o tema, ainda há a necessidade por mais pesquisas que registrem e explorem essa temática, em especial em âmbito local ou regional.

Dessa maneira, torna-se tarefa árdua a construção de uma história geral das mulheres, em especial das mulheres no design e, sobretudo, na área acadêmica, pois o design é considerado matéria recente, embora saiba-se que muito se tem a contar, conforme se verifica no item seguinte, onde se busca tratar sobre as protagonistas que fizeram (e ainda fazem) parte da construção da história do ensino superior de design no Brasil, em especial na esfera pública.

Protagonismo na história do ensino superior público de design no Brasil

A origem do ensino do design no Brasil remonta 1950, verificada “a necessidade de formar profissionais com a qualificação adequada para suprir a demanda de projetos de produtos e de comunicação visual que adviriam da atividade econômica crescente e da indústria nacional nascente” (Niemeyer, 2007, p. 64), o que culminou na criação do Instituto de Arte Contemporânea do Museu de Arte de São Paulo (IAC-MASP), semente do ensino de nível superior de design no Brasil.

O IAC proporcionou, além da capacitação de designers brasileiros, a oportunidade de que alguns deles estudassem na Escola de Ulm, como é o caso de Alexandre Wollner (1928-2018), Almir Mavignier (1925-2018) e Mary Vieira (1927-2001). Vieira foi escultora e professora e pesquisou, principalmente, o movimento e a dinâmica das formas, de modo a gerar as obras *Multivolumes* (1948), *Polivolumes* (1949), dentre tantas outras.

Na história do IAC é importante ainda que se destaque a figuras de Lina Bo Bardi (1914-1992), arquiteta responsável pelo projeto de criação do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MASP) coordenadora do IAC/MASP, além Giselda Leiner (1928), Klara Hartoch (1901-19--) e Renina Katz (1925), professoras da instituição, conforme Leon (2006, p. 47). No ano de 1955 foi criada a Escola Superior de Artes Plásticas (ESAP), dentro da Universidade Mineira de Arte (UMA), posteriormente agregada à nascente Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) no ano de 1989. Sua primeira turma de design ingressa no ano de 1960. Durante o período de 1963 e 1970, destacam-se as figuras de Maria Bernardete Santos Teixeira (1948), ex-aluna dos cursos de Comunicação (1971) e Licenciatura em Desenho (1973), que atua como professora, pesquisadora e consultora e gestora em projetos de pesquisa de ensino integração em design desde então, e Elza Alan (19--), cuja história ainda permanece desconhecida, uma vez que tudo o que se sabe é que foi aluna da instituição e se formou no ano de 1964.

Atualmente, o corpo docente da Escola de Design da UEMG conta com 54 professoras de um total de 97 docentes (43 homens), identificadas mais adiante.

A partir de 1962, tem-se a experiência das sequências de Desenho Industrial dentro da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), cujos primeiros passos iniciaram no ano de 1948, com a separação do curso de arquitetura do antigo curso de engenheiro-arquiteto da Escola Politécnica da USP (POLI-USP). O único nome encontrado nos períodos iniciais das sequências foi o da professora Marlene Picarelli (1932) que lecionava para o primeiro ano, onde atuou ainda como diretora e pesquisadora, Renina Katz, Miranda Magnoli (1932-2017) e Élide Monzéglio (1927-2006), de acordo com Santos (2018, pp. 141-142).

No ano de 1963 é fundada a Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI), considerada a matriz de tantas outras escolas de design no Brasil, embora sua história se entrelace com a do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ), fundado em 1952, pois foi a partir deste ponto a escola foi idealizada. Neste momento é importante que se destaque duas mulheres com contribuição importantíssima para que a criação da escola fosse possível, Niomar Sodré (1916-2003), diretora do MAM e responsável por encomendar à Max

Bill, diretor da Escola de Ulm, o currículo de implantação do curso de design do museu, que posteriormente se tornaria o curso da ESDI.

É possível ainda destacar a figura de Carmen Portinho (1903-2001), que além de ter sido a terceira mulher a se tornar engenheira no Brasil, foi responsável pelo projeto da sede do MAM e o dirigiu a partir de 1951. Em 1967, Portinho assumiu a direção da ESDI. É importante ressaltar ainda a professora Daisy Igel (1927), formada nos Estados Unidos e ex-aluna de Josef Albers, foi responsável por promover mesas-redondas sobre o ensino de design na ESDI e com isso atrair muitos alunos, dos quais se tornou porta-voz, e lutava por melhorias no curso (Braga, 2016). O livro de Lucy Niemeyer traz outros 125 nomes em destaque na ESDI, desde os anos inaugurais da escola até 1991, dentre os quais tem-se Anamaria de Moraes (1942-2012), Renina Katz, entre tantas outras.

Avançando para o ano de 1972, tem-se o curso de design da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), uma das bases para criação do curso de design da UFAM, em conjunto com o curso da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). No curso da UFRJ destaca-se a figura de Cordélia Navarro (19--), professora de Desenho Artístico do ciclo básico, cujas aulas se tornaram propícias para o compartilhamento de ideias e descontentamentos com o curso (Soares, 1999, p. 197), diretora da escola de 1982 a 1984 (Terra, 2021, pp. 48-49). Além de Navarro, tem-se ainda as professoras Léa Bustamante (19--) e Ruth Fabrício (19--), que lecionavam na área de Desenho Projetivo (Soares, 1997, p. 201).

A Universidade Federal da Paraíba (UFPB) teve seu curso criado no ano de 1978, sendo o primeiro curso de design da Paraíba (Medeiros, 2017, p. 68). Posteriormente, com o desmembramento da UFPB em 2002, foi criada a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), o curso é transferido para esta unidade.

Neste curso, destacam-se as designers Tamiko Yamada (19--) e Petra Kellner (19--), onde a primeira participou do Projeto de criação do curso de graduação em Desenho Industrial e a segunda participou do Primeiro Workshop de Pós-graduação em Design no Brasil, o Curso de Atualização em Design de Produto, que gerou a publicação do livro *Método Experimental: desenho industrial*, pelo CNPq (UAD, 2018).

No ano de 1989 é criado o curso de design da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), primeiro curso de design da região norte do país (Oliveira, 2013, p. 66). Em seu projeto de criação é importante enfatizar a figura de Izabel Falcão (19--), líder do processo de criação do curso.

Fizeram parte ainda dos anos iniciais do curso a professora Vânia Batalha (19--), primeira professora concursada, e Claudete Barbosa (19--), primeira designer formada no Amazonas e professora egressa do curso. Ressalta-se ainda as figuras das professoras Laecy Usui, Mariê Yoshida e Maria Dilma de Lima (BRAGA, RUSCHIVAL e MOTA, 2014, pp. 30-31). Após o breve levantamento apresentado, percebe-se que muitas foram as protagonistas que fizeram parte da história do ensino de design no país, contudo, apenas algumas recebem o merecido reconhecimento por seus anos de esforços e dedicação ao design.

A participação feminina no ensino superior de design no Brasil

Por meio de dados obtidos junto ao INEP, MEC e CAPES, aqui se apresenta uma visão geral quantitativa do ensino superior público de design no país e da correspondente participação do gênero feminino como discente e como docente.

Contempla o número de instituições públicas de ensino no Brasil; o número de cursos de graduação públicos em design e sua distribuição regional; a participação do gênero feminino, tanto como discente na graduação e na pós-graduação públicas, quanto como docente de uma maneira geral, e a participação feminina docente com ênfase no campo do design. Com o cruzamento de dados fornecidos pelo INEP, Sinopses Estatísticas da Educação Superior 2020, com os dados do portal do Ministério da Educação (MEC), por meio do uso da ferramenta online gratuita e-MEC, consultada no dia 24 de fevereiro de 2022, foi possível verificar o número de instituições e a quantidade de cursos de graduação em Design, Desenho Industrial e seus desdobramentos no país, de modo que se chegou aos seguintes números, Tabela 2.

Nome do Curso	Bacharelado	Tecnológico	Total
Comunicação Visual	1	-	1
Desenho Industrial	3	-	3
Design	27	1	28
Design de Ambientes	2	-	2
Design Digital	2	-	2
Design Educacional	-	1	1
Design Gráfico	6	4	10
Design de Interiores	-	7	7
Design de Mídias Digitais	-	2	2
Design de Moda	7	11	18
Design de Produto	4	3	7
Design Visual	1	-	1
Moda, Design e Estilismo	1	-	1
Total Geral de Cursos	54	29	83

Tabela 2. Quantidade de cursos públicos de design, por nome, oferecidos no Brasil em 2022 (Adaptado de e-MEC, 2022).

Do total de cursos oferecidos, 54 (65,06%) são de bacharelado, 29 (34,93%) tecnológicos. Quanto à modalidade, 81 (97,59%) são presenciais e 2 (2,41%) a distância. Conforme dados obtidos na plataforma do e-MEC.

Estes dados possibilitaram ainda a identificação da distribuição destes cursos entre as regiões do país, onde as regiões Nordeste (25,61%), Sudeste (34,14%) e Sul (26,83%) possuem maior concentração de cursos de ensino superior em design, enquanto as regiões Norte (3,65%) e Centro-Oeste (9,75%) apresentam menor quantidade.

Ao analisar os dados das Sinopses Estatísticas da Educação Superior 2020, percebeu-se que, embora esta traga dados sobre o quantitativo de professores de ambos os sexos no nível superior e seu grau de formação, este contudo, não separa estes dados por curso. Assim, foram visitados os sites institucionais daqueles cursos apontados pelo e-MEC, o que não impediu ainda que não se obtivesse um número exato, pois alguns sites estavam desatualizados (erro de carregamento, links quebrados etc.) e/ou a página do corpo docente não podia ser acessada ou era inexistente (erro 404, solicitação de login, etc). de modo que este levantamento foi possível por meio de consulta aos sites institucionais de cada um dos cursos apontados pelo e-MEC. Os números obtidos são apontados na Tabela 3 que segue.

Região	Mulheres	Homens	Total
Norte	26	30	56
Nordeste	239	230	469
Centro-oeste	66	52	118
Sudeste	381	452	833
Sul	245	193	438
Total	957	957	1.914

Tabela 3. Docentes por região e sexo atuantes em cursos de design no país (Adaptado de e-MEC, 2021, e sites institucionais, 2022).

Ao observar a Tabela 3, percebe-se que, embora o quantitativo geral de docentes por sexo encontre-se equilibrado, 957 para ambos os sexos, ao analisar em nível micro, nota-se que os docentes do sexo masculino ainda são maioria nas regiões Sudeste e Norte, representando 452 (54,26%), e 30 (53,57%), respectivamente.

É perceptível ainda que as docentes são maioria nas regiões Sul e Centro-oeste, representando 245 (55,9%) e 66 (55,93%). Para a região Nordeste, embora estejam em maior número, 239 (50,95%), percebe-se um maior equilíbrio, pois apresentam uma diferença de apenas 1,9 pontos percentuais de diferenças em relação aos docentes do sexo masculino.

Com base nos dados apresentados, percebe-se que o número de docentes do sexo feminino atuantes no ensino superior de design encontra-se bastante equilibrado com o do sexo masculino, o que faz com que o seguinte questionamento seja delineado: Quem são estas professoras e o porquê de não serem amplamente divulgadas? No item seguinte são apresentadas as protagonistas do ensino superior público de design no Brasil nas figuras das professoras da UEMG e UFAM, foco deste estudo.

As docentes da UEMG e UFAM

Participaram desta pesquisa o total de 26 docentes, das quais 18 pertencem ao Curso de Design da UEMG e 08 ao Curso de Design da UFAM. Deste total, apenas 03 professoras, 02 da UEMG e 01 da UFAM, não autorizaram o uso de sua imagem e informações.

Atualmente, o corpo docente da Escola de Design da UEMG é formado por 54 professoras de acordo com dados Diretoria da escola. Por questões de ética, a professora Marcelina Almeida foi excluída da pesquisa por ser uma das autoras deste artigo. Dentre as professoras participantes, tem-se:

Caroline Salvan Pagnan, doutora em Design pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Coordena o Centro Design Empresa (CDE/UEMG) e atua como pesquisadora em projetos que abrangem a interface entre Design e materiais sob a ótica da percepção; análise e seleção de materiais; design orientado à sustentabilidade, design e linguagem visual e design e comportamento de consumo.

Cristiane Gusmão Nery, doutora em Design pela Escola de Design (UEMG), atua nos seguintes campos: Artes Visuais, Etnografia e Design com ênfase em Livros de Fotografia. Glenda Maíra Silva Melo, doutoranda do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É membro da Associação Nacional de Pesquisa em Ciências do Patrimônio (ANTECIPA) e do Grupo de Pesquisa *Studiolo* da CAPES/EBA-UFMG. Desenvolve pesquisas no campo de biodeterioração de acervos têxteis e pinturas de cavalete.

Giselle Hissa Safar, doutora em Design pela (UEMG), onde atua desde 1983, foi Chefe de Departamento, Coordenadora do Curso de Design de Produto, Diretora da Unidade e Coordenadora de Extensão e Pró-Reitora de Extensão da UEMG entre 2016 e 2018. É membro da equipe do Centro Integrado de Design Social da Escola de Design (UEMG).

Joana Maria Alves da Cruz, mestranda em Design pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Design da UEMG, orienta projetos de pesquisa e extensão no Laboratório de Design Gráfico (LDG). Publicou projetos no Anuário do Clube de Criação de Minas Gerais (2004 e 2005), nos Catálogos da Bienal Brasileira de Design (2014 e 2017), no *IF Design Awards* (2017), no *RedDot Communication Design* (2016) e no Prêmio Lusófonos de Criatividade (2016/2017 e 2018/2019).

Kátia Andréa Carvalhaes Pêgo, é PhD em *Systemic Design* pelo *Politecnico di Torino* (2016), é pesquisadora e coordenadora de projetos no Centro de Estudos, Teoria, Cultura e Pesquisa em Design (T&C) com parcerias interinstitucionais (UFMG, FUMA, UFPR e UFJF) e internacionais (na Itália - POLITO e *Systemic Approach*; na França - *ECAM University of Lyon*). É autora da obra 'Guia para Inserção de Parâmetros Ambientais no Design de Móveis de Madeira' e desenvolveu produtos industriais, entre patenteados e com registro de Desenho Industrial.

Mara Lúcia de Paiva Guerra, mestre em Design pela UEMG (2015). É profissional de joalheria há 23 anos, ministrou e coordenou cursos na área para: Instituto Brasileiro de Gemas e Metais Preciosos (IBGM), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE-MG), ABAPORU Escola de Artes, Centro de Formação Profissional Américo Renné Gianetti (SENAI), Instituto Cultural Boa Esperança (ICBE).

Mariana Minsk Moysés, mestre em Design pela UEMG, é proprietária, diretora de criação e designer da OESTE Design, antiga LAB Design, e coordenadora do Laboratório de Design da Escola de Design da UEMG. É sócia e designer da Muquito Design Ltda. Possui trabalhos publicados no Anuário do Clube de Criação de Minas Gerais (2004 e 2005), nos Catálogos da Bienal Brasileira de Design (2014 e 2017) e no *iF Design Awards* (2017), no *RedDot Communication Design* (2016), no Prêmio Lusófonos de Criatividade (2016) e no *Brasil Design Award* (2019 e 2020).

Nadja Maria Mourão, doutora em Design pela UEMG e pós-doutora em Design pelo Universidade Federal do Maranhão (UFMA), coordenadora de Pesquisa do Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura (CLAEC), do Centro de Extensão da Escola de Design da UEMG e Líder do Grupo de Pesquisa do CNPq “Estudos em Design, Comunidades, Tecnologias Sociais e Iniciativas Sustentáveis/DECTESIS”, e do grupo “Design, Identidade e Território/DIT”. É orientadora da equipe de criação da Tecnologia Social “Livrário - Libras para todos”.

Rita Aparecida da Conceição Ribeiro, doutora em Geografia pela UFMG, é coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Design da Escola de Design da UEMG, líder do grupo de pesquisa do CNPq Design e Representações Sociais, pesquisadora do Centro de Pesquisa Design & Representações Sociais eco-coordenadora do Grupo de Pesquisa *Design y Geografía Política*, da *Universidadde Palermo*, Argentina. É autora do livro *Tempo e Design*, lançado pela editora UEMG.

Rosemary do Bom Conselho Sales, doutora em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG (2008), é representante do Comitê de Ética em Pesquisa da UEMG.

Simone Maria Brandão Marques de Abreu, doutoranda em Design pela UEMG, é coordenadora do Centro de Estudos em Design de Ambientes (CEDA/ED/UEMG), foi Coordenadora do Curso Lato Sensu de Design de Móveis da UEMG, subcoordenadora e coordenadora do Curso de Design de Ambientes da UEMG e vice-diretora e diretora dessa mesma instituição.

Tatiana Pontes de Oliveira, doutora pelo Programa de Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), é fotógrafa, pesquisadora e professora de fotografia, é líder do Paralaxe Grupo de Pesquisa em poéticas fotográficas, certificado pela ED/UEMG no CNPq. Integrante do grupo de pesquisa Espaço-Visualidade, Comunicação-Cultura (ESPACC).

Thatiane Mendes Duque, doutora em Poéticas Tecnológicas pela UFMG, é coordenadora do Grupo CASULO - arte, design e tecnologias vestíveis, do Centro de Estudos em Design de Gemas e Joias (CEDGEM). Em 2013 fundou a startup Triskel que objetiva a criação de acessórios e roupas com computação vestível. Recebeu o 1º Lugar no prêmio do XVI Salão Nacional de Arte de Jataí, com a escultura vestível interativa: *Jaula*, e o prêmio Ocupação Programa CoMciência - arte, ciência e tecnologia.

Wânia Maria de Araújo, doutora em Ciências Sociais pela PUC/MG, foi professora do Mestrado em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local do Centro Universitário Una (2012-2022).

Em relação ao curso de Design da UFAM, o contingente feminino que participa do corpo docente, é constituído por um total de 11 mulheres, das quais 02 são professoras substitu-

tas. Conforme dito anteriormente, apenas 08 participaram desta pesquisa e 01 não autorizou o uso de suas informações. Vale ressaltar ainda que a professora Larissa Albuquerque foi excluída por ser autora da tese que gerou este artigo. Assim sendo, tem-se a figura das seguintes professoras:

Agatha Araújo Trindade, mestre em Ciências Florestais pela UFAM. É professora substituta na UFAM e celetista na Fundação Centro de Análise, Pesquisa e Inovação Tecnológica (FUCAPI). Atua permanentemente como Pesquisadora Colaboradora no Laboratório de Secagem e Estruturas de Madeira da UFAM.

Claudete Barbosa Ruschival, doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Coordena o projeto “*Project Idea Canvas: ferramenta para a estruturação da ideia inicial do projeto de design*”. Atualmente está em estágio Pós-Doutoral na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Germana de Vasconcelos Duarte, doutora em Biotecnologia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Coordena o projeto de pesquisa “O efeito da adição do resíduo da madeira processada no desenvolvimento de placas de revestimento cerâmico”.

Karla Mazarelo Maciel Pacheco, doutora em Design, Fabricação e Gestão de Projetos Industriais pela Universidade Politécnica de Valência - UPV/ Espanha. Coordena o Programa de Educação Tutorial em Design da UFAM (PET Design), desde 2016. Coordena o projeto intitulado “Design de desenvolvimento de novos produtos a partir de matérias primas naturais da Amazônia”.

Magnólia Grangeiro Quirino, doutora em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ). Coordena o Laboratório de Design de Produto (LADEP). É vice-diretora da Faculdade de Tecnologia (FT/UFAM) e atua no desenvolvimento de produtos com materiais compósitos, fashiondesign, biomimética, design social e design sustentável. Patrícia dos Anjos Braga Sá dos Santos, doutora em Design, Fabricação e Gestão de Projetos industriais pela Universidade Politécnica de Valência (UPV/Espanha) e em Biotecnologia pela UFAM. É coordenadora do curso de Design da UFAM e atua em design e inovação, gestão em design, comunicação visual e design gráfico.

Sheila Cordeiro Mota, doutora em Design, Fabricação e Gestão de Projetos Industriais pela Universidade Politécnica de Valência (UPV/Espanha). Atualmente é coordenadora do Projeto de Conclusão de Curso de Design da UFAM.

Como se pode observar, de todas as professoras identificadas, 15 são doutoras, 9 são mestras e 1 é pós-doutora e, em sua maioria, trabalham com os três eixos da educação superior brasileira: ensino, pesquisa e extensão.

Estes dados podem levar a crer que, se forem analisados outros cursos, seja nas regiões alvo deste estudo ou em outras regiões, serão encontradas muitas outras docentes igualmente competentes, o que nos leva a questionar o porquê de não haver ou não ser amplamente divulgado algum tipo de publicação que trate das professoras de ensino superior de design e/ou das designers do Brasil.

Do total de professoras participantes, 16 são doutoras, 9 são mestras e 1 é pós-doutora. Quanto a área de formação, 12 são formadas em Desenho Industrial, 4 em Design, 10 em outras áreas afins, como: Licenciatura em Geografia, História, Decoração, Arquitetura e Urbanismo, Artes, Design de Ambientes, Comunicação Social, Serviço Social e Ciências Sociais, Comunicação Social e Estilismo em Moda.

Apontamentos Finais

Desde os tempos do Brasil Colônia, as mulheres eram submetidas a toda sorte de empecilhos para adquirirem algum tipo de educação formal, uma vez que, até meados do século XVIII, quando ocorreram as primeiras reformas educacionais, elas deveriam se dedicar ao lar e a criação dos filhos.

Embora tenham recebido uma educação tardia e tenham sofrido todo tipo de preconceitos, estes não foram suficientes para fazer com que as mulheres se tornassem cada vez mais especializadas, adentrando ainda carreiras antes ditas como masculinas.

No design, profissão antes considerada masculina, não foi diferente, pois as mulheres foram se provando cada vez mais competentes, contrariando o pensamento de que não possuíam visão tridimensional desenvolvida e que deveriam trabalhar apenas com superfícies (Barbosa e Facca, 2019).

Sua competência pode ser provada ainda com o crescente número de mulheres docentes em atuação nas instituições de ensino superior públicas no Brasil, que se encontra em pleno equilíbrio com o quantitativo masculino (957 cada), de acordo com dados coletados nos sites das instituições apontadas pelo e-MEC.

Sendo assim, qual o motivo de quanto se busca por mulheres protagonistas no design brasileiro ou professoras de design brasileiro pouco ou nada se encontra na literatura clássica? Se pesquisado em ferramentas online, a exemplo o Google, o cenário muda um pouco, contudo, do total de “designers brasileiros” retornados na busca dos 28 nomes encontrados, apenas 8 são mulheres. Se digitado os termos “designers brasileiras”, entretanto, são obtidos 19 nomes, dos quais 7 são mulheres. Ao buscar por professores ou professoras de design, são obtidos apenas sites institucionais. Ainda assim, por que isso acontece?

Deixo aqui estes questionamentos para pesquisas futuras para pesquisadores (as) e regiões onde este estudo possa ser aplicado.

Referências

- Adichie, C. N. (2019). *O perigo de uma história única* (1ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Almeida, J. S. (1998). *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP.
- Antunes, L. (2020). *Nisia Floresta: o que pensava e defendia a primeira professora feminista do Brasil*. Acesso em 25 de abr. de 2021, disponível em O GLOBO: <https://oglobo.globo.com/celina/nisia-floresta-que-pensava-defendia-primeira-professora-feminista-do-brasil-24692127#:~:text=H%C3%A1%2020anos%2C%20em%2012,primeira%20educadora%20feminista%20do%20Brasil>.
- Barbosa, A. M. (2010). Uma questão de política cultural: mulheres artistas, artesãs, designers e arte/educadoras. *Anais do 19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas “Entre Territórios”*, pp. 1979-1988. Acesso em 06 de nov de 2021, disponível em <https://repositorio.usp.br/item/002172106>

- Barbosa, A. M., & AMARAL, V. (2019). *Mulheres não devem ficar em silêncio*. São Paulo: Cortez.
- Barbosa, A. M., & FACCA, C. A. (2019). A Bauhaus de John Dewey: questão de gênero e o legado de Marta Erps-Breuer. Em A. M. BARBOSA, & V. AMARAL, *Mulheres não devem ficar em silêncio: arte, design, educação* (pp. 49-67). São Paulo: Cortez.
- Beauvoir, S. (1980). *O segundo sexo: a experiência vivida* (2ª ed., Vol. II). São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
- Braga, M. d. (2016). A Associação Profissional dos Desenhistas Industriais do Rio de Janeiro - APDINS-RJ. Em M. d. Braga, *ABDI e APDINS-RJ* (2ª ed., pp. 143-202). São Paulo: Blücher. Acesso em 17 de mar de 2021, disponível em <http://openaccess.blucher.com.br/article-details/19733>
- Braga, P. d., RUSCHIVAL, C. B., & MOTA, S. C. (2014). *Design UFAM: 25 anos*. Manaus: Reggo Edições.
- Cardoso, R. (2008). *Uma introdução à história do design*. São Paulo: Blücher.
- Del Priore, M. (2014). *Histórias e conversas de mulher* (2 ed.). São Paulo: Planeta.
- INEP, I. N. (2022). *Sinopses Estatísticas da Educação Superior 2020*. Brasília: Inep. Acesso em 24 de fev. de 2022, disponível em <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior/resultados>
- Leon, E. (2006). *IAC Instituto de Arte Contemporânea: Escola de Desenho Industrial do MASP (1951-1953) - primeiros estudos*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo. Acesso em 23 de jul de 2021, disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-03052007-125721/pt-br.php>
- Lins, B. A., MACHADO, B. F., & ESCOURA, M. (2016). *Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola* (1ª ed.). São Paulo: Reviravolta.
- Mec, M. d. (2022). *Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior*. Acesso em 24 de fev. de 2022, disponível em e-MEC: <https://emec.mec.gov.br/>
- Medeiros, W. G. (2017). Graduação e Pós-graduação em Design na Paraíba: breve relato sobre os fatores de criação dos cursos de bacharelado e mestrado em design na UFCG. *Revista de Ensino em Artes, Moda e Design*, 1(1), 65-82. doi:10.5965/25944630112017065
- Niemeyer, L. (2007). *Design no Brasil: origens e instalação* (4ª ed.). Rio de Janeiro: 2AB.
- Perrot, M. (2007). *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto.
- Rosemberg, F. (2012). Mulheres educadas e educação de mulheres. Em C. B. PINSKY, & J. M. PEDRO, *Nova história das mulheres*. São Paulo: Contexto.
- Safar, G. H., & Almeida, M. d. (2014). Protagonismo feminino no design – um resgate histórico em andamento. Em D. d. Moraes, R. Á. Dias, & R. B. Conselho, *Cadernos de Estudos Avançados - história* (1ª ed., pp. 79-96). Barbacena: EdUEMG.
- Safar, G. H., & DIAS, M. R. (jan-jun de 2016). Estudos de gênero e seu impacto na história do design. *Dimensões*, 36, 102-120.
- Santos, L. R. (2018). *Os professores do projeto da FAU-USP (1948-2018): esboços para a construção de um centro de memória*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo. Acesso em 17 de mar de 2021, disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16134/tde-18092018-163855/publico/MElucienieribeirodosantos_rev.pdf

- Soares, V. F. (1999). Design... na Escola de Belas Artes da UFRJ. Em A. P. Cunha, *Arquivos da Escola de Belas Artes* (Vol. 15, p. 227). Rio de Janeiro: EBA/UFRJ.
- Stephan, A. P. (2015). As mulheres e o design no Brasil. Uma breve reflexão para o estudo da contribuição feminina no design brasileiro. Em M. d. ALMEIDA, E. J. REZENDE, G. H. SAFAR, & R. S. MENDONÇA, *Caderno atempo* (Vol. 2, pp. 109-115). Barbacena: EdUEMG.
- UAD, U. A. (2018). *Graduação: informações sobre o curso de graduação em Design da UFCG*. Acesso em 02 de set de 2021, disponível em Unidade Acadêmica de Design: <https://design.ufcg.edu.br/graduacao/>

Abstract: Gender inequality, widely discussed in several áreas of knowledge, is a relatively recente problem regarding the academic área of Brazilian design, since there is little movement of women in periods prior to 1960. This article aims to contribute for the disruption of the propagation of patterns of concealment of femal eactivity in design from there cord of the protagonists in activity in public higher education of design in Brazil, through the mapping and analysis of their teaching activities in the design courses at UEMG and UFAM. It is a theoretical, qualitative-quantitative research that adresses gender, education and the role of women designers in the country.

Keywords: protagonists – gender – education – Brazilian design – professors – teaching

Resumen: La desigualdad de género, ampliamente discutida em varias áreas del conocimiento, es un problema relativamente reciente em el área académica del diseño brasileño, ya que hay poco movimiento de mujeres en períodos anteriores a 1960. Este artículo pretende contribuir para la disrupción de la propagación de patrones de ocultación de la actividad femenina en el diseño a partir del registro de las protagonistas de la actividad en la educación superior pública de diseño en Brasil, a través del mapeo y análisis de sus actividades docentes en los cursos de diseño de la UEMG y de la UFAM. Es una investigación teórica, cualitativa-cuantitativa que aborda el género, la educación y el rol de las mujeres diseñadoras em el país.

Palabras clave: protagonistas – género – educación – diseñobrasileño – docentes – enseñanza

[Las traducciones de los abstracts fueron supervisadas por su autor]
